

## O DOM DAS LÁGRIMAS

### THE GIFT OF TEARS

Maria José Caldeira do Amaral  
Doutoranda em Ciências da Religião -PUCSP  
e-mail: zezeamaral@uol.com.br

**Resumo:** Este artigo é uma síntese sobre a evolução do fenômeno das lágrimas presente no cristianismo primitivo e monástico medieval. Partimos do princípio de que as lágrimas impõem uma forma de conhecimento edificada pela doutrina do *Penthos* que, cultivada pelos padres do deserto, corresponde à experiência de ascese da alma a Deus e aponta para uma transmutação anímica de similaridade entre a vontade humana e a vontade divina. As lágrimas que vertem sem causas impõem-se e, a despeito de qualquer interpretação naturalista, sugerem a infusão da graça no ser humano em pecado.

**Palavras chave:** Lágrimas, *Penthos*, ascese, graça, cristianismo, monaquismo.

**Abstract:** This article is a synthesis about the tears's phenomenon (to burst into tears) present in the primitive Christianity and monastic life on the medieval age. The tears are, by no means, a knowledge's experience on *Penthos*'s doctrine, that had been alive by the desert's priests and correspond with the soul's ascension on God, and this phenomenon display a transformation: the human's intention and the God's intention are, both, the same. The tears that shed without reason or motive suggest, in spite of a naturalist interpretation, the divine grace brewage into the sinful human soul being.

**Key words:** Tears, *Penthos*, grace, ascension, Christianity, monastic life.

Minha inteligência estava lá onde Maria,  
 a santa mãe de Deus,  
 chorava próxima à cruz do Salvador.  
 E eu bem que gostaria de chorar  
 sempre assim.  
*Apophtegemes, Poemen*

## Introdução

O alerta de São Bento da Núrsia (490-574)<sup>1</sup> é também o nosso: “E podemos saber que não é no muito falar, mas na pureza do coração e com lágrimas de contrição que seremos atendidos”.

Não há muito que dizer sobre as lágrimas: primeiro porque ao considerar o fenômeno das lágrimas como objeto de pesquisa – teoria e experiência – estaremos frente a um embate direto com o desejo da nossa *ratio* (razão) em elucidar, explicar e entender afetos como atributos espirituais ligados a excessos emocionais; segundo, porque, em se tratando de um objeto caracterizado por pura irracionalidade, excede o discurso conceitual, ao mesmo tempo que o dissolve, comprometendo o rigor científico e o controle epistemológico. Ainda assim, arriscamos neste investimento em considerar emoções e sentimentos como um objeto de natureza irracional a ser vencido pela razão e se hipostasiar em si mesmo, como passível de sentido cognitivo – as lágrimas apontam para uma história sensível a partir de sua vitalidade; o significado aqui se dá como constatação – verter lágrimas como sinal de alguma constatação –, na maioria das vezes, expressa pelo fenômeno e não pelas compreensões tão desnecessárias ao nosso consolo, seja este racional ou moral.

Partimos do princípio de que na tradição cristã, a despeito da organicidade e vontade humana, isto é, para além de significados anatômicos funcionais e psíquicos, o fenômeno das lágrimas traduz um mistério que se

<sup>1</sup> Na Regra de São Bento (séc. VI) adotada pela maioria dos mosteiros ocidentais. (A Regra de São Bento, 1993, p. 50)

configura por uma espontaneidade descontrolada; nas lágrimas encontramos um paradoxo de um fenômeno incondicionalmente experimentado pelo corpo que abriga a alma condicionada a este mesmo corpo: este aspecto incondicional de verter lágrimas é um incômodo próprio ao corpo e à alma. Mesmo que chorar seja uma reação orgânica e/ou psíquica, e ainda que assim nos apresente, nosso enfoque se dá nas lágrimas como um dom.

Será prudente trazer o foco de um certo constrangimento próprio daqueles que choram, simultaneamente ao constrangimento daqueles que presenciam as lágrimas de outrem. Acreditamos que este constrangimento, muitas vezes indigno de desculpas, passa a ser um equívoco humano por meio do qual estabelecemos nossa infalível mediocridade em indagar suas causas. Não há causas para um fenômeno espontâneo e alheio a condições, critérios e categorias que lhe são atribuídos; a não ser causas causadas em si mesmas. Além disso, quando as lágrimas passam a exprimir um exílio da alma, não há motivos a serem considerados. Ainda que fora dos limites de tempo e espaço nos quais nossa abordagem sobre as lágrimas se dá, o *leitmotiv* principal são as lágrimas incontidas, derramadas, nos moldes de Santa Tereza de Lisieux – não há razão para preocupação em relação a elas:

Havia muito que Jesus e Terezinha se haviam olhado e compreendido. Naquele dia, não era mais um olhar, mas uma fusão, não eram mais dois, Teresa havia sumido como a gota d'água que se perde no oceano. Só ficava Jesus... Sua alegria era grande demais, profunda demais para ser contida. Lágrimas deliciosas inundaram-na logo para grande espanto das suas companheiras que, mais tarde, diziam umas às outras: Por que será que ela chorou? Não compreendiam que, quando toda a alegria do céu vem a um coração, esse coração exilado não pode suportá-la sem derramar lágrimas. (Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, OC, 2001, p. 276)

Contra toda expectativa humana de realização, as lágrimas estão para além da vergonha exposta na experiência ameaçadora da própria existência desmoronada. O que podemos atribuir às lágrimas, além da fragilidade intolerável e inexorável de nossa condição humana?

Optamos por comentar um pouco do que disseram sobre elas, sob o risco de acreditarmos que constatações não equivocadas sobre as lágrimas beiram o abismo insondável da condição humana ao conhecimento. Estamos convencidos, e queremos convencer o leitor, de que seremos atendidos pelas

lágrimas como dádiva e não como determinismo fisiológico, psíquico, lógico ou conceitual. De acordo com Alain Boreau, no prefácio do livro *Le Don Des Larmes Au Moyen Age*<sup>2</sup>, “Os olhos secam diante do mal...[...] As lágrimas não são comandadas, elas se impõem” (Nagy, 2000, p. 9) e, segundo o *Apophtegemes Poemen*,<sup>3</sup> “Chorem! Não há outro caminho além deste”.

As lágrimas possuem uma existência textual – intelectual e institucional – que está configurada no pensamento ocidental, edificando a antropologia emocional e sensual no Ocidente cristão. A existência sensibilizada e intensificada pelas lágrimas, em curso na experiência do cristianismo primitivo e monástico medieval, é conduzida pelo mistério da graça e da beatitude original:

O cristianismo investiu neste mistério da produção das lágrimas, entre um mecanismo corporal e emocional, para fazer dele, em si mesmo, um signo religioso no sentido etimológico do termo, um carisma dependente da arbitrariedade da graça. (Nagy, 2000, p. 16)

### **A Doutrina do *Penthos* ou Dom das Lágrimas**

Uma das maiores referências, no universo cristão, sobre o fenômeno das lágrimas nos remete à doutrina do *Penthos* ou *Dom das lágrimas*, também denominada compunção que, tendo sido originada e cultivada pelos Padres do Deserto, sustenta o início do monaquismo e perdura na vida monástica por toda Idade Média ocidental. Na tradição cristã oriental e ocidental, o dom das lágrimas deveria ser cultivado como uma condição própria da alma – um estado contínuo no qual a compunção é uma situação anímica do estado de graça contínua, como lembrança eterna da alma em pecado e, ao mesmo tempo, como lembrança da glória da qual a alma encontra-se exilada pelo pecado e pelo sofrimento.

---

<sup>2</sup> A pesquisa desenvolvida nesta obra, por sua autora Piroska Nagy, é um referencial sobre o tema.

<sup>3</sup> Os Apotegmas dos padres que viviam livres no deserto são compilações de doutrinas e práticas no cristianismo oriental primitivo inspirada nas Sagradas Escrituras e viabilizadas na escrita, obedecida a prática do “não falar”, traduzidos para o latim a partir do século VI. No Ocidente, o *Apophtegmes* possui o nome de *Verba Seniorum*. (Cf. Guy, s.j., 1993, *passim*.)

Evágrio de Pôntico (346-399), um dos primeiros cristãos influenciado pelo alexandrino Orígenes, desenvolveu uma teoria antropológica de caráter psicológico e uma teoria teológica sobre as lágrimas no âmbito da economia corporal e espiritual dos monges do deserto, ambas concebidas como uma disposição integral e contínua necessária à ascese da alma a Deus<sup>4</sup>. Em Evágrio está uma das primeiras situações em que a expressão *Dom das Lágrimas* aparece na literatura cristã ocidental: as lágrimas vertidas em oração permanente e caídas do céu ajudam a encontrar a graça e amaciam o coração duro; contribuem, ainda, para o alcance do perdão de Deus. Existe uma providência celeste que faz com que as lágrimas tornem-se necessárias e abundantes. De acordo com Nagy, o sentido de dom e de graça está explícito nos escritos de Evágrio, e é a partir destes mesmos textos que a idéia de que as lágrimas são recebidas de Deus e se tornam o *donum lacrymarum* é afirmada em toda literatura monástica. As lágrimas vêm de Deus e retornam a ele. (EP, *De oratione*, 42 *apud* Nagy, 2000, p. 68)

O termo *Penthos* está fundamentado na Sagrada Escritura:

Bem-aventurados os aflitos,  
Porque serão consolados. (Mt 5,5)

Os aflitos serão aqueles que experimentam o luto, na dimensão espiritual, constituído pela perda da alma pecadora. O vislumbre e a contemplação da distância de Deus – do bem único e da bem aventurança – sustentam o dom das lágrimas – a própria graça divina. “Derramar lágrimas” é o sentido da gratuidade genuína e a constatação espontânea da manutenção do estado de receptividade do dom de Deus. O *Penthos*, então, segundo a tradição, deverá ser cultivado, pois a condição do pecado está posta na condição de todo e qualquer ser humano, e a compunção se traduz na dor sentida diante da eminência da morte da própria alma, frágil e limitada. O

<sup>4</sup> “As lágrimas, para certos ascetas, não cessam como, por assim dizer, no grande Arsène que, todo o tempo de sua vida – mesmo que estivesse sentado, em seu trabalho manual – trazia junto de si um lenço por causa das lágrimas que lhe escorriam dos olhos (*Apophtegemes*, Arsène, n.41, PG 65, 105c). Elas são mesmo, por vezes, incoercíveis, como em Silvain que, mesmo comendo com seus irmãos, não podia dominar as lágrimas que se misturavam à comida. (F. Halkin, *Sancti Pachomii vitae graecae*, Bruxelles, 1932). É que a contrição não visa somente, como a simples penitência, obter o perdão divino: ela se esforça por apagar os traços e cicatrizes múltiplas do pecado, que duram muito tempo, senão para sempre. Eis porque suas lágrimas são perpétuas.” (Cf. *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique Doctrine et Historie*, 1976, p. 292)

luto da própria alma está implícito em Ecl 7,3: “É melhor a tristeza do que o riso, porque, debaixo de um rosto triste, o coração pode estar alegre.”

Esta dor expressa a tristeza sob o ponto de vista de Deus; e, neste sentido, o discernimento entre a dor e a tristeza mundana, que leva à morte, e a dor e a tristeza segundo o Bem, que traz arrependimento, contrição e salvação sustentam o fenômeno das lágrimas de acordo com a revelação em S. Paulo na II Cor 7, 9-10:

Alegro-me agora, não por vos ter constringido, mas porque a vossa tristeza vos levou ao arrependimento. Vós vos entristecestes segundo Deus, e assim não sofrestes dano algum da nossa parte. Com efeito, a tristeza segundo Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás, ao passo que a tristeza segundo o mundo produz a morte.

Não há como descrever a tristeza e a dor sob o ponto de vista de Deus. Aquele que está triste e verte lágrimas encontra-se propriamente no lugar do estancamento da razão e da emoção, e, portanto, no estancamento da linguagem. Trata-se de uma tristeza autônoma, do ponto de vista da imanência, completamente isenta de causas, sentida pela alma abismada em renúncia espontânea a si mesma e a seu desolamento: estado anímico sitiado por absurda sinceridade simplificada e configurada pelas lágrimas reais. Ainda que o sofrimento mundano seja digno de lágrimas, o *penthos* interior está para além de qualquer julgamento. Neste sentido, a justiça divina é também uma situação ininterrupta, presente – configurada antes de ser categorizada como juízo ou culpa – já que, estando a justiça posta no fenômeno das lágrimas, está simultaneamente subsidiada pela verdade experimentada. Nas fontes primeiras da Patrística oriental está formalizada a doutrina do *Penthos*: Clemente de Alexandria (150-220) dirá que verter lágrimas e ser portador do luto da Justiça Divina é ser testemunho de que a lei de Deus é boa (Hauscherr, 1944, *passim*). Orígenes (185-253), precursor do monaquismo primitivo, nos séculos II e III de nossa Era, em suas homílias sobre o *Velho Testamento*, formaliza suas reflexões sobre o pecado, a compunção e as lágrimas: as lágrimas atraem a benevolência de Deus sobre quem as verte. Como consciência do pecado elas são a compunção perpétua para a vida do homem espiritual. (Cf. Ier.3.49, *apud* Hauscherr, 1944, p. 18)

Nas reflexões de Orígenes, considerando a compunção perpétua, encontramos uma prática meditativa de cunho escatológico sobre as realidades últimas (morte, céu, inferno, juízo final). A idéia de continuidade na consciência da alma em pecado está em Mt 5 -12: o Sermão da montanha é um discurso de Deus que se faz homem e fala da felicidade para todos aqueles que são pobres de espírito, aflitos, mansos, têm fome e sede de justiça, são misericordiosos, puros de coração e promovem a paz; terão estes o Reino dos Céus, serão consolados, saciados de justiça, encontrarão a misericórdia e serão chamados filhos de Deus e serão capazes de vê-Lo. Chorar pela constante consciência do sentimento essencial (a constatação da ausência de misericórdia) é um caminho de ascese para a grande misericórdia que verte de Deus tanto quanto as lágrimas vertem. A partir de Orígenes e Clemente a eficácia das lágrimas contra o pecado encontra-se nos escritos exegéticos, litúrgicos e hagiográficos dos padres, monges e doutores da Igreja.

A expressão “graça ou dom das lágrimas” aparece no *De virginitate*, atribuído a Santo Atanásio (296-373), como um estado afetivo imanente que somente tem valor na medida em que seja exteriorizada a expressão do *penthos* interior:

Não é a grande maioria que tem o carisma das lágrimas, mas aqueles que, mantendo o espírito elevado, esquecendo as coisas terrenas, não se ocupam da carne, não sabem nem mesmo se existe um mundo, e levam à morte seus membros terrenos; a estes, somente, é dado o dom das lágrimas. (*Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique Doctrine et Historie*, 1976, p. 292)

S. Basílio (330-379) se dedica às razões pelas quais nos foi dado o dom das lágrimas. A consciência ou autoconhecimento nos leva à identificação dos pecados e de que somos pecadores, assim como a meditação escatológica nos fins últimos são necessários ao desenvolvimento do temor e do desejo a Deus. Para Basílio temer e desejar Deus suscita lágrimas de compunção:

Uma compunção deste tipo é um dom de Deus, seja em vista de excitar o desejo, seja para que a alma, uma vez tendo saboreado a suavidade desta pena esforça-se para manter-se nela, seja em vista de demonstrar que a alma pode, por uma aplicação (dedicação) mais séria, permanecer na compunção em todo lugar e sempre, e deste modo tornar sem desculpas

aqueles que a (esta compunção) perdem por indolência.<sup>5</sup> (*Reg. Brev. 16 apud Haussherr, 1944, p. 64*)

As lágrimas, como processo de ascese, vertem não por uma vontade, um querer chorar, mas porque já não se pode retê-las ou controlá-las. Elas simplesmente derramam-se e tornam-se contemplação: é possível estar em luto da própria alma, porém é possível experimentar um rastro de beatitude antecipando o desejo do desejo de Deus.

S. Gregório de Nazianzo (329-389) recorre ao salmo atribuído a Davi, no sentido do batismo, atribuindo às lágrimas o poder de purificação e salvificação das lágrimas (*Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique Doctrine et Historie, 1976, p. 293*):

Sinto-me esgotado de tanto gemer,  
E de noite eu choro na cama,  
Banhando meu leito com lágrimas.  
Meus olhos se derretem de dor,  
Envelhecem de tantas contradições. (Sl , 6, 7-8)

É somente a partir da consciência da própria indignidade do poder da graça – ser indiferente a Deus e experimentar o sentimento de estar sendo indiferente para Deus – que o desfalecimento e o tremor diante do esgotamento de si mesmo, associado ao desejo do perdão, se inserem no ato de lavar-se e banhar-se em lágrimas eficientes. Nos comentários de Santo Agostinho sobre as palavras de Santo Ambrósio, a contrição e o arrependimento estão configurados pela revelação no olhar de Jesus e Pedro:

Afirma também o bem aventurado Ambrósio, no livro novo da mesma obra, que o próprio arrependimento, que é ação da vontade, necessita da misericórdia e da ajuda do Senhor. Assim escreve ele: “São as lágrimas que levam à culpa. Portanto, aqueles a quem Jesus olha, choram. Pedro negou a primeira vez e não chorou, porque o Senhor não o olhara; negou a segunda

---

<sup>5</sup> *Une componction de cette sorte est un don de Dieu soit en vue d'exciter le désir, afin que l'âme ayant une fois goûté la douceur de cette peine s'efforce de s'y maintenir, soit en vie de démontrer que l'âme peut par une application plus sérieuse demeurer dans la componction partout et toujours, et de cette façon rendre inexcusables ceux qui la perdent par indolence.* (*Reg. Brev. 16 apud Haussherr, 1944, p. 64*)



vez, e não chorou, porque ainda o Senhor não o olhara; negou a terceira vez, Jesus o olhou e ele chorou amargamente”. (Santo Agostinho, 1998, p. 259)

O olhar de Jesus é o que estava em jogo na infusão da misericórdia como constatação, e aqueles que choram experimentam esta consignação.

### As Lágrimas e a Mística Monástica

Na vida monástica da Idade Média Central (séc. XI-XIII) está cultivado o *Dom das Lágrimas*. As principais fontes desta cultura estão nas conferências ascéticas e espirituais realizadas pelos monges a partir da influência de tratados espirituais escritos pelos primeiros padres do deserto. Na fundante e assim chamada Teologia Monástica desta época, encontram-se comentários e elaborações desta doutrina, originadas principalmente nos escritos de João Cassiano (360-435), de Agostinho de Hipona (354- 430) e de Gregório Magno (540-604).

João Cassiano, em suas *Colações* (conferências espirituais e ascéticas dirigidas a seus monges), faz uma classificação das lágrimas cristãs que se torna conhecida: em sua concepção da vida monástica, influenciada por Evágrio e Orígenes, o objetivo último do monge é a contemplação de Deus, e no percurso de ascese está a purificação do coração que se dá por meio da renúncia aos vícios, da disciplina e do abandono do mundo – a solitude. Esta atitude leva à quietude interior e providencia um estado da alma no qual as lágrimas interiores involuntárias insinuam-se dentro do coração<sup>6</sup> sob o efeito de um fervor espiritual intolerável e desmedido, enquanto o espírito inflamado

---

<sup>6</sup> “Sabedoria, discernimento e conhecimento estão no coração (Ex 28,3; Dt 8,5; 1Rs 3,12). [...] Quando Iahweh dá a Salomão grandeza de coração (1Rs 5,9), isto significa não magnanimidade, mas inteligência. [...] Iahweh examina o coração (Sl 17,3; Jr 12,3; Lc 16,15; Rm 8,27). Na verdade, só Iahweh pode conhecer o coração que é extremamente enganoso (Jr 17,9s). A regeneração de Israel inclui uma regeneração interior, uma mudança do coração que é uma transformação de carácter (Ez 18,31; 36;26). [...] Jeremias vê os termos da nova aliança escritos não em tábuas de pedra, isto é, promulgados externamente mas escritos no coração, isto é, compreendidos pela inteligência e aceitos pela decisão pessoal de cada membro de Israel restaurado (Jr 31,32). [...] O que nunca pensamos nunca entrou em nosso coração (Jr 7,31; 19,5).” (Mackenzie, 1983, pp. 183-4)

procura se libertar daquilo que ele não pode mais conter em si mesmo; por meio das lágrimas interiores, resultantes de um estado de êxtase, o espírito deixa escapar o lamento e o gemido. Para Cassiano, as lágrimas espirituais são fecundas e a compunção é uma expressão da graça que se manifesta entre a dor e o êxtase – um arrebatamento (Cf. Nagy, 2000, p. 109-16). João Cassiano divulga as obras de Santo Agostinho no Oriente. Vejamos as lágrimas do Bispo de Hipona:

Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda a minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva torrencial de lágrimas. (Santo Agostinho, 1984, p. 143)

A contrição é a experiência da própria miséria profunda exposta no coração. O coração é órgão de revelação, de conhecimento. Quando se arranca a miséria e o coração (sede de um mistério – o ponto onde a criatura encontra Deus) a vê, está designado um dom divino. E, ainda:

Assim está escrito: *O senhor fixou o olhar em Pedro* (Lc 22,61), significa uma ação interna, na mente, na vontade. O Senhor acudiu ocultamente pela misericórdia, tocou o coração, despertou a memória, visitou Pedro com sua graça interior, provocou lágrimas no interior do homem que se extravasara no exterior e fez brotar o amor. Eis como Deus assiste pela ajuda a nossa vontade e ações; eis como opera em nós o querer e o agir. (Santo Agostinho, 1998, p. 259)

O dom divino é concedido ao indivíduo que sente o toque de Deus no coração. A manifestação do Amor de Deus no ato de extravazamento exterior se impõe como conhecimento<sup>7</sup> adquirido pela experiência interior de chorar

<sup>7</sup>“Apontamos para a linguagem e expressão antigas da palavra conhecer: no AT o israelita conhecia com o coração, e o hebraico não possui nenhum termo que corresponda exatamente ao nosso termo ‘mente’ ou ‘intelecto’. A distinção entre intelecto e apetite, portanto, é imprecisa. Geralmente, podemos dizer que no hebraico conhecer equivale a experimentar; a experiência evolui para a aceitação ou posse. O sentido do termo ‘experiência’ torna-se claro em passagens como 1Sm 14,12 (a experiência da batalha), Is 47,8 (a experiência de privação), Is 53,3 (a experiência do sofrimento). [...] Em tais contextos, ‘conhecer’ corresponde ao nosso ‘sentir’. A experiência de posse evidencia-se através do uso da palavra ‘conhecer’ para designar o intercurso sexual (Gn 4,1. 17.25; Nm31,18.35 Jz 21,12). De modo semelhante, ‘tornar conhecido’ significa ‘fazer sentir’, levar outra pessoa a experimentar algo (Sl 77,15; 98,2; 106,8). Quem faz experiência com outra pessoa conhece-a e fica ligado a ela (Ex1,8; Dt 9,2.24; 1Sm 10,11). [...] por isso falando de

por si mesmo, na concepção de Santo Agostinho. Suas lágrimas possuem o sentido pessoal – a Conversão – um instante configurado pela união da razão e dos sentimentos. Transcender a dualidade constitutiva do ser humano – corpo e alma – é uma questão central no pensamento agostiniano e sua antropologia está fincada na construção do *corpus* eclesial cristão, dentro da perspectiva neoplatônica, e está dissociada do individualismo vertical do monaquismo ascético.<sup>8</sup> Suas lágrimas apontam para a realidade psicológica de seu coração – triturado por seus pecados – em extrema dor diante de seus questionamentos e arrependimentos pessoais e confessionais. As lágrimas do Bispo de Hipona são, no contexto confessional, um dom de si a Deus.

São Gregório Magno, considerado doutor do desejo (Leclercq, 1990, pp. 30-9) no mundo latino cristão, faz uma distinção entre as lágrimas de amor e de temor: as lágrimas vertidas na experiência anímica de temor são da constituição do pecado e da consciência da própria morte; as lágrimas vertidas na experiência de amor estão ligadas ao desejo de Deus e da beatitude. Para S. Gregório existe uma proximidade entre a compunção substanciada pela dor de se dar ao saber conhecer a diferença entre a morte e a vida, e a compunção substanciada pelo amor de se dar a conhecer a si mesmo: a intimidade entre estas duas formas de conhecimento sustenta o movimento que vai da angústia à alegria. Em *Moralia a Job*, São Gregório evoca a compunção constelada no estado da alma em ofensa e em pecado que clama a purificação, nos comentários do *Livro de Jó (4-5)*:

Portanto, oferecer um holocausto a Deus, é abrasar o espírito inteiramente do fogo da compunção, pois, estando o coração queimado sobre o altar do amor, ele (o coração) consome a omissão de seus filhos e

---

maneira absoluta, o 'conhecimento' constitui uma habilidade, uma capacidade, uma qualificação do homem sábio; este é uma pessoa experimentada na arte de viver (Dn1,4; Sl 73,22; 82,5; Pr 1,4; 2,6; Ecl 1,18 cf. SABEDORIA). O conhecimento como aceitação é dinâmico, exprime-se e expande-se na ação; ele envolve tanto o apetite quanto a percepção. 'Conhecer' alguém ou alguma coisa é cuidar dele ou dela. É provê-lo ou provê-la do necessário (Gn 39,6.8; Sl 50,11; 73,11; 144,3). Isto provém de uma compreensão básica de que conhecer é reconhecer (Pr 29,7; Jó 9,21)." (Mackenzie, 1983, p. 179)

<sup>8</sup> Segundo Piroška Nagy, o sentido essencialmente místico das lágrimas confessionais e abundantes de S. Agostinho é constelado, posteriormente, na formulação de sua poderosa eclesiologia. Seu desejo místico se apaga e dá lugar a um pensamento que abarca todos os cristãos, onde a certeza da união restaurada da humanidade dentro do Cristianismo toma o sentido da perfeição pessoal, sendo esta inacessível diante da fragilidade humana. (Cf. Nagy, 2000, pp. 122-3)

as manchas de seu pensamento. (*Moralia a Job*, I, 48 *apud* Michel, 1997, p. 152.)

O coração dilatado pelo fogo da compunção supõe a entrega absoluta dos pecados e ofensas a Deus. Estando o coração queimado sobre “o altar do amor” a miséria mais profunda advinda do pensamento é consumida. Podemos supor, ainda, que o Amor puro de Deus é fonte de lágrimas e, ao mesmo tempo, é substância e consequência deste atributo. A expressão *graça da compunção* de S. Gregório concede a qualidade de um dom divino à compunção: “é Deus que suscita a dor das faltas e ajuda o coração a se entregar à penitência e ao amor” (Nagy, 2000, p.129). A graça da compunção é também a graça das lágrimas que vertem diretamente da graça divina – lágrimas de pura misericórdia que possuem a tonalidade e a acuidade necessárias rumo à contemplação.

No universo cristão, as lágrimas são conduzidas no processo de ascese e, em São Gregório, o instante de Agostinho – a Conversão (a união entre a razão e o sentimento) – está constelado como um momento extático breve, configurado na constatação da condição da alma humana aprisionada inevitavelmente, porém capaz de experimentar o dom de Deus.

O *Dom das Lágrimas*, como manifestação do amor de Deus, está presente na Teologia Monástica Cisterciense. A compunção do coração é uma inspiração à descoberta da consciência e o monge é instruído:

Recomendo-vos manifestar com freqüência e oralmente os sentimentos que a compunção do coração vos inspira a propósito de vossas disposições interiores. Não se deve ter vergonha de manifestar o que se viu; não, sem grande piedade. (S. Bernard, *apud* Santos, 2001, p. 73)

Reencontramos o tema de dedicar o holocausto de si mesmo a Deus na exegese de São Bernardo, o abade de Claraval (Bernard de Clairvaux, *Sententiae*, t. VI/1-2, *apud* Nagy, 2002, p.297), que sugere atenção ao sentido metafórico da Revelação constelado na liturgia cristã do Ofertório: a contrição piedosa, a obra digna e o sacrifício de louvor e de ação de graças, sentido este já inscrito no Salmo 66 (65), 13 -14:

Eu entro em tua casa com holocaustos,  
Cumpro minhas promessas feitas a ti,

As promessas que meus lábios pronunciaram  
E que minha boca, na angústia, prometeu.

Guillaume de Saint-Thierry (1085-1148) dispõe as lágrimas espirituais como sinal da própria consolação; segundo ele, de tempos em tempos, por uma doçura da graça divina, podemos chorar em Deus. Os filhos de Deus não precisam ser consolados quando choram no seio do Senhor, pois chorar diante de Deus é experimentar a dor da distância e a alegria da intimidade; derramar lágrimas impetuosas já é, para Guillaume, a soberana consolação. Para ele, as lágrimas implicam um sentido místico de teor especulativo – elas são um fim em si mesmas (Cf. Guillaume de Saint-Thierry, 1962, p.116). Em *Vita prima sancti Bernardi I*, Guillaume descreve a conversão de São Bernardo e seu estado de alma conturbado: a decisão do coração exposto em lágrimas diante de Deus (Cf. Nagy, 2000, p. 283).

Esta é a mesma experiência de Aelred de Rievaulx (1090-1153) convertendo-se em lágrimas de devoção; em Aelred, segundo Walter Daniel, raramente é possível estar diante de Deus sem lágrimas, pois elas anunciam a vontade da alma e faz com que nos rendamos a ela: “Quando nosso Aelred falava com Deus, ele molhava toda sua fisionomia em fonte de lágrimas” (*apud* Daniel, 1950, p. 20).

São Bernardo faz a distinção entre as lágrimas de penitência pela conduta passada, as lágrimas de devoção e caridade fraternal que têm o sabor do vinho e resultam da loucura sóbria (*In epipania 3,8*) e as lágrimas de desejo pela beatitude a ser alcançada que são um pão que não devemos comer pelo medo de desfalecer no caminho (*In capite jejunii 2,4*). Em seus escritos, os aspectos sensoriais são evidentes na vida contemplativa e mística. (Cf. *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire*, 1976, p.296.) Nos sermões sobre o *Cântico dos Cânticos* – texto sapiencial da Bíblia Hebraica que contamina toda a vida monástica medieval como procura da alma a Deus – São Bernardo vai dizer:

De fato, quando cada alma santa suspirava buscando a presença do Cristo, quando suportava com pena o adiamento do reino e saudava de longe a pátria desejada por seus gemidos e suspiros, será que toda alma não te parece ter representado o papel de uma rola muito queixosa, quando assim se comportava? Desde então e em seguida, a voz da rola foi ouvida na terra. Como a ausência do Cristo não suscitaria em mim lágrimas abundantes

e gemidos cotidianos? Senhor, todo meu desejo está diante de ti e minha queixa não está escondida de Ti.<sup>9</sup> (Bernard de Clairvaux, 1958, p. 273)

O ato de verter lágrimas é a mostra de todo desejo de Deus ao próprio Deus e os lamentos e queixas humanas não estão mais escondidos de Deus. É a experiência de ter sido visto por Deus por meio de Sua presença em Jesus Cristo. A Religião perfeita e a perfeita vida religiosa está presente na purificação da vontade e o amor consiste no acordo de vontades. O amor será tanto mais elevado e mais forte quanto mais sólida for a comunhão da vontade humana com a divina.

Queria dar-nos um caminho a percorrer, um molde que nos moldasse. Deixou-os chorando e subiu ao céu. E enviou o Espírito Santo que purificou seu afeto, quer dizer, sua vontade, e a transformou de tal modo que os que antes queriam retê-lo junto a si agora se alegravam com sua partida. Tornou-se realidade o que lhes havia dito: *ficareis tristes mas depois vossa tristeza se mudará em alegria* (Jo 16, 20). Tanto iluminava Cristo sua inteligência e tanto purificava o Espírito sua vontade que conheciam o bem e o amavam de coração. Aí está a religião perfeita e a perfeição religiosa. (*Sermão para a Ascensão 3, 4. apud Santos, o. cist., 2001, p. 114.*)

As lágrimas conduzem à inteligência iluminada, após a vontade purificada pela graça divina, e conduzem o coração ao conhecimento de Deus. A comunhão da vontade humana purificada em comunhão com a vontade divina é o objeto central da teologia monástica de São Bernardo. A busca de Deus, nesta teologia, é pessoal e integra o desejo; e, justamente por isso, possui o sentido de ser incondicional e involuntária:

Entendemos que, enquanto vivemos neste corpo, podemos estar com o Senhor, isto é, aderimos a seu querer. Mas ele não está conosco para consentir ao nosso desejo. Queremos ser já livres, aspiramos a morrer, desejamos sair. Mas o Senhor tem motivos para demorar. *Amanhã saireis e o senhor estará sempre conosco* (2 Cor 20, 17) e então há de querer tudo que

---

<sup>9</sup> *En effet, quand chaque âme sainte soupirait après la présence du Christ, quand elle supportait avec peine le report du règne et saluait de loin la patrie désirée par ses gémissements et ses soupirs, est-ce que toute âme ne te semble pas avoir rempli le rôle de la très plaintive tourterelle, lorsqu'elle s'était ainsi comportée? Dès lors donc et par la suite, la voix de la tourterelle a été entendue sur la terre. Comment des larmes abondantes et des gémissements quotidiens ne seraient-ils pas suscités en moi par l'absence du Christ? Seigneur, tout mon désir est devant toi et ma plainte ne T'est poin cachée.* (Bernard de Clairvaux, 1958, p. 273)

quisermos e em nada discordará de nossa vontade. (*Sermão para a Vigília do Natal 12.3, apud Santos, o. cist., 2001, p. 114*)

A transmutação da tristeza em alegria – em júbilo – é encaminhada pelo dom das lágrimas. A alma em pecado, desde sua origem, verte as lágrimas que desejam a coincidência da vontade divina com a vontade humana. O discurso de São Bernardo inclui a realidade prática na vida monástica do dom das lágrimas e do processo de ascese: o homem do século XI e XII dispõe, por meio das lágrimas, de um conhecimento possível ao experimentar a intimidade e a proximidade com Deus, de maneira individual e pessoal. Depois das lágrimas, o conhecimento torna-se um reconhecimento que é dado ao coração embriagado e o convence de sua verdadeira vontade.

### **O infinito *Dom das Lágrimas* em vida**

E, infelizmente, diante de um recorte temporal e espacial deveras sintético, não mencionamos aqueles que, muito antes e bem depois, não puderam conter suas lágrimas; no entanto, mesmo sem considerar as personagens reveladas, proféticas e, até mesmo, imaginadas em nossa literatura sagrada e erudita, elas não estão excluídas de nossa intenção. Podemos recorrer a elas em qualquer momento de nossa reflexão. Ainda assim, privados destes relatos *ad infinitum*, afirmamos que “chorar” sem razão, que seja capaz de ser causa ou atribuição, é o sentido explícito no discurso sensível da experiência cristã *in vitae* do *donum lacrymarum*: o dom das lágrimas incontidas vertidas pela alma mística tomada pela experiência visionária do coração capaz de sentir Deus.

Finalmente apontamos para o pensamento moderno de Emil Cioran em *Lacrimi si Sfinti*:

Eu não posso, jamais, chorar, pois minhas lágrimas estão transformadas em pensamentos. E, não são estes pensamentos, também, tão amargos como as lágrimas? (Cioran, 2002, p. 17) [...] não é o conhecimento que nos aproxima dos santos, e sim o despertar das lágrimas dormentes no mais profundo de nós mesmos. Então, somente, através delas, ascendemos

ao conhecimento e compreendemos como pudemos nos tornar santos depois de termos sido homens. (Cioran, 2002, p. 29)

De maneira bastante reduzida, e de forma especulativa, percorremos o curso das lágrimas nos primórdios da tradição cristã até a alta Idade Média. A idéia inicial era comentar este percurso e, junto com ele, descobrir a incidência das lágrimas como movimento de ascese da alma em direção a Deus. No mundo cristão, a proximidade com o fenômeno das lágrimas não aponta para um entendimento de teor naturalista; ao contrário, a contrição eterna – lágrimas sem objeto – aponta para as lágrimas vertidas e substanciadas pelo amor divino embriagado e sóbrio ao mesmo tempo. Diante de um fenômeno excessivo e sutil – refratário ao entendimento intelectual, porque fundamentado na Revelação –, encontramos-nos diante da resignação da nossa razão limitada incapaz de lutar contra o arder do desejo. Contra todos aqueles que sustentam a incidência e a re-incidência das lágrimas – fruto do amor que é portador da razão divina – como faculdade refratária ao conhecimento, na tradição monástica cisterciense ele é inevitável para os padres gregos e para os filósofos e poetas com os quais aprenderam:

Este amor não é, de nenhuma maneira, suave em sua ação sobre nós; ao contrário, é *imperioso*. Os padres da Igreja adotaram em seus escritos todo o vocabulário que se refere à loucura do amor. Somos assim “feridos pelo dardo do amor” e desde então “ardemos” de amor e caímos enlouquecidos por causa do amor. A alma que ama é sempre *ardente e flagrante, lânguida e perseguida*. E como sabemos, os Padres Cistercienses, baseando-se em Ovídio e Virgílio, vêm continuando esta tradição de amor, amor que nos domina e dirige. (Bonowitz, ocso, 2002, p. 49)

Para nós, o que assegura a autenticidade das lágrimas é justamente sua incompreensibilidade constelada no coração inflamado que re-conhece a certeza deste amor original, possível na configuração de Blaise Pascal:

No ano da graça de 1654 [...] Fogo. Deus de Abraão, Isaac e Jacó, não dos filósofos e dos sábios. Certeza, certeza, sentimento, alegria, paz. [...] Deus de Jesus Cristo. Deum meum et vestrum. Teu Deus será meu Deus. Esquecimento do mundo e de tudo, menos de Deus. Ele só se encontra pelas vias ensinadas no Evangelho. Grandeza da alma humana. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci. Alegria, alegria, alegria, prantos de alegria. [...] (Pascal, 2001, Laf. 913, p. 370-1)



Não se trata de apostar numa possível antropologia dos afetos e emoções posta no discurso teológico do Cristianismo primitivo e monástico em detrimento da antropologia do pensamento e da razão, também especulativa, sobre este mesmo discurso, e sim apontar o holocausto de deploração e condição inexorável e contínua da possibilidade de conhecimento dada ao ser humano, no universo cristão; à maneira de São Gregório em Jó ou de São Bernardo nos Salmos, é preciso constatar que, no curso das lágrimas de ascese, permanecemos absortos ao *Dom das lágrimas*, princípio fundado na experiência humana de conhecimento da infusão divina – intuição a um instante sobrenatural – às custas do coração, ainda que liqüefeito e dissolvido em dor de desejo.

*Anima mea liquefacta est ut locutus est*  
(Canticum Canticorum 5,6 – Vulgata) e

*...minha alma, ouvindo-o se esvai.*  
(Cântico dos Cânticos, 5,4 – Bíblia de Jerusalém).

### Referências:

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1996.
- A Regra de São Bento*. Trad. de D. Basílio Penido, OSB. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BERNARD DE CLAIRVAUX. *Sermons sur les Cantiques*. Éd. Sancti Bernardi Opera; éd. J. Leclerq. Rome: édition Cisterciences, 1958.
- BONOWITZ, Bernardo, oco. *Orígenes: Padre dos Padres Cistercienses*. Cistercium, Enero- Marzo, n. 226, 2002.
- CIORAN, Emil. *Des larmes et des Saints*. Paris: Éditions de L’Herne, 2002.
- DANIEL, Walter. *Life of Aelred, abbot of Rivaulux*. XI. Londres: F. M. Powiccke 1950.
- DICTIONNAIRE de Spiritualité Ascétique et Mystique Doctrine et Histoire. Fondé Par M. Viller, F. Cavallera, J. De Guibert, S. J. avec le concours d’un grand nombre de collaborateurs, Tome IX. Paris: Beauchesne, 1976.

- GUILLAUME DE SAINT-THIERRY. *Exposé sur les Cantiques*. Ed. J. Déchanet, SC 82. Paris: Cerf, 1962.
- GUY, Jean Claude, s.j. *Les Apophtegmes des Pères – collection systématique*. Sources Chrétiennes n. 387. Paris, Cerf, 1993. (introdução, texto crítico, tradução e notas)
- HAUSCHERR, Irénée, S. I. *Penthos – La doctrine de la componction dans l’Orient Chrétien*. Roma: Pont. Institutum Orientalium Studiorum, 1944.
- LECLERCQ, Jean, dom. *L’Amour des Lettres et le désir de Dieu*. 3 ed. Paris: Cerf, 1990. (Chap. II. S. Grégoire, Docteur du désir)
- MACKENZIE, Jonh L., S.J. *Dicionário Bíblico*. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1983.
- MICHEL, Alain. (trad. et éd.). *Théologiens et Mystiques au Moyen Age – La Poétique de Dieu*. V-XV siècles. Paris: Gallimard, 1997.
- NAGY, Piroska. *Le Dom Des Larmes Au Moyen Âge – Un instrument spirituel en quête d’institution (V-XIII siècle)*. Paris: Albin Michel, 2000.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A graça de Cristo e o pecado original*. 2 ed. Trad. Augustinho Belmonte, v.I. São Paulo: Paulus, 1998.
- SANTOS, Luis Alberto Ruas. *Um monge que se impôs a seu tempo: pequena Introdução com antologia à obra de São Bernardo de Claraval*. São Paulo: Musa Editora. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi do Mosteiro de São Bento, 2001.
- TEREZA DO MENINO JESUS e da Sagrada Face. *Obras Completas*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001.